

RETÓRICA E PSICOLOGIA MORAL EM PLATÃO

Júlio César Caldeira Police Filho ¹ & Admar Costa de Almeida ²

1. Bolsista PIBIC, Discente do Curso de Filosofia, ICHS/UFRRJ; 2. Professor do Departamento de Filosofia, ICHS/UFRRJ.

Palavras-chave: Retórica; Platão ; Psicologia Moral.

Introdução

Na obra de Platão encontramos um número significativo de críticas à democracia ateniense. Para tal, Sócrates precisa criar um aparato teórico capaz de verbalizar as deficiências do modelo político vigente, comumente negligenciadas pela multidão. Este movimento é visto de forma mais clara na *República*, onde uma cidade justa é criada por meio do diálogo e nesta muitos valores atenienses são criticados e abandonados em favor de outros. Nesta obra, Sócrates retoma vários assuntos de outros diálogos (epistemologia, alma, crítica aos sofistas, retórica, metafísica e a crítica aos poetas) de forma que as conclusões destes convergem para um outro ideal de cidade. No entanto, isto não se dá sem que surjam complicações. E estas estão principalmente na tentativa de articular as conclusões do *Fedro* com a *República*.

Antes de apresentar as questões é preciso afastar-se de uma leitura mais rude que vê em Platão uma rejeição radical da persuasão. Em *Fedro* nos é apresentada uma reabilitação da retórica sob uma ótica muito própria à Platão. Na *República* a persuasão se faz presente quando Sócrates fala das mentiras úteis e aplica-as aqui e ali em seu projeto de cidade ideal. O problema surge com algumas prováveis incoerências com a dura crítica aos poetas no livro X. Vemos, aqui, críticas que em certa medida seriam cabíveis também à retórica e vão de encontro com as conclusões do *Fedro*. Enumeremos as críticas apresentadas no livro X: (1) a poesia está afastada três graus da verdade (crítica de natureza ontológica e não meramente epistemológica), (2) o poeta desconhece os temas que trata (crítica apresentada no *Ion* e no *Fedro* e utilizada aqui para fortalecer a primeira tese), (3) a poesia corrompe os ouvintes ao nutrir o elemento apetitivo (irracional) da alma. A primeira crítica dificilmente poderia ser aplicada à retórica. A segunda seria completamente aplicável, no entanto, em *Fedro*, Sócrates define que aquele que possui a arte de bem falar (se é que existe tal arte) deve conhecer as coisas sobre as quais discursa, proporcionando uma relação direta e necessária da retórica com a verdade. A complicação surge da terceira crítica. Tudo nela parece ir de encontro com as conclusões do *Fedro*. Neste diálogo o delírio e as outras capacidades irracionais da alma não são vistos de forma negativa, pelo contrário, são algo de divino e ainda “em nobreza ultrapassa o delírio à ponderação”. No livro X da *República*, porém, a crítica não se dirige somente a poesia, mas a qualquer operação que afete as capacidades irracionais da alma. No *Fedro* a retórica age como um fármaco que pode ser utilizado para levar seu ouvinte a qualquer direção, somente aquele que possui verdadeiramente a arte de bem falar saberá para onde deve conduzir a alma de seu ouvinte de forma correta. No entanto, Sócrates não esclarece qual a natureza da retórica e como ela age na alma, ou em que parte dela. Se ela age sobre o princípio racional da alma, então nos livramos da crítica do livro X, mas tal posicionamento levantaria outras questões. Se a retórica age sobre o “logistikón” (parte racional), como ela pode conduzir o ouvinte ao erro se esta parte da alma é diretamente ligada à sabedoria e a verdade? Os erros humanos, como observado nos livros VIII e IX da *República*, dão-se sempre em razão dos princípios irracionais da alma e não do “logistikón”. Se considerarmos que a retórica age sobre o princípio irracional da alma então devemos lidar com a crítica do Livro X e buscar uma interpretação possível onde *Fedro* e *República* não entrem em contradição. No entanto um caminho que será rejeitado é a busca pelo diálogo mais tardio e o apelo a este como autoridade por compor uma espécie de palavra última do filósofo. De qualquer forma sabemos que *República* e *Fedro* estão fortemente interligados tanto pelos temas quanto pelas concepções em comum (alma tripartida, analogia do cocheiro e os dois cavalos, Eros). Resta, se possível, encontrar o ponto de concordância destes dois diálogos e trazê-los à luz.

Metodologia

A metodologia de pesquisa consiste na leitura integral de três obras platônicas que abordam os temas retórica e psicologia moral; Górgias, Fedro e República. Destes textos e com o auxílio de uma bibliografia secundária, busco uma interpretação da retórica em Platão nos termos de sua psicologia moral.

Resultados e Discussão

Os resultados são obtidos das análises dos conceitos de retórica e das considerações sobre psicologia moral apresentadas nas obras citadas. A crítica à retórica só pode ser feita uma vez que abandona-se a psicologia moral presente nos primeiros diálogos onde o conhecimento é condição suficiente para o agir moral. Quando Platão assume que é possível agir contra a própria opinião abre-se como questão a causa deste desvio de comportamento, que é respondida por sua psicologia moral acompanhada das críticas à poesia e à retórica. Observamos em Fedro e Górgias não uma rejeição total de Platão à retórica mas uma crítica que reserva espaço de legitimidade à mesma. A retórica não é *tekhne* enquanto não preenche a condição necessária de conhecer “aquilo a que se aplica” (audiência) e “aquilo que aplica” (discurso). Em Fedro Platão chega a propor, com ceticismo, uma “verdadeira retórica”, a qual preenche estas duas condições. Estes dois tipos de retórica afetam a alma de maneiras diversas. A verdadeira retórica é dialética, tem preocupação com a verdade e não excita a capacidade apetitiva da alma, enquanto o retórico usual não tem conhecimento daquilo que fala.

Conclusão

Este trabalho mostra a relação direta entre a retórica e a psicologia moral em Platão. Preocupado com a defesa da justiça, o autor precisa explicar as motivações das ações humanas afim de deslegitimar aquelas que não tenham como fim a justiça. A retórica se relaciona de forma múltipla com a alma e em sua forma comumente praticada, ou seja, como lisonja, a retórica funciona como estímulo aos apetites. Abre-se espaço, no entanto, para uma “arte de conduzir as almas por meio da palavra” que tenha como fim o supremo bem. Conformando assim as considerações sobre retórica e psicologia moral apresentadas no Górgias, Fedro e República.

Referências Bibliográficas

- Platão; traduzido por LOPES, Daniel R. N.. Górgias de Platão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- Platão; traduzido por GUINSBURG, J.. A República de Platão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- Platão; traduzido por NUNES, Carlos Alberto.. Platão Diálogos - Fedro - Cartas - O Primeiro Alcibíades. Pará: Editora Universitária UFPA, 2007.
- COOPER, J. M.. Reason and Emotion Essays on Ancient Moral Psychology and Ethical Theory. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- David S. Kaufer. The influence of Plato's developing psychology on his views of rhetoric, Quarterly Journal of Speech, 64:1, 63-78, DOI, 1978.